



## **RELATOS DA VIVÊNCIA E PRÁTICA DE UMA PEDAGOGA NA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DO PARÁ**

Adrielle Rocha (Coautor 1, UEPA)  
Ana Paula Queiroz (Coautor 2, UEPA)  
Raissa Melo (Autor do trabalho, UEPA)

### **RESUMO**

Este artigo teve a finalidade de explicar sobre a pedagogia hospitalar, mostrar de que maneira esta área se desenvolveu e qual função o pedagogo tem nela. Também foi abordado as diretrizes que respaldam e especificam esta área e a atuação do pedagogo. A pesquisa realizada foi de campo, por meio de entrevista semiestruturada a uma única entrevistada e se tornou efetiva juntamente com a observação da prática dos pedagogos, por este motivo também essa pesquisa configura-se estudo de caso. Teve como principais autores, Eneida Fonseca (2003), Ministério da Educação (2002) e Elizete Matos (2009) para embasar a pesquisa. Tratou-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e com enfoque fenomenológico- hermenêutico. Foi de nosso interesse com este artigo mostrar a atuação do pedagogo em ambientes não escolares e desta forma contribuir para a desmitificação de que o pedagogo atua somente em ambientes escolares.

**Palavras- chaves:** pedagogia hospitalar, ambientes- não escolares e atuação do pedagogo.

## 1 Introdução

Historicamente a palavra pedagogia traz em seu cerne um significado etimologicamente distorcido que ainda vigora em tempos atuais onde que segundo Gadotti (1978), sua tradução literal equipara-se a "condução das crianças", nesse sentido o autor questiona a noção de pedagogo como este condutor, colocando-se contra esta visão, ressaltando que "é inadequada há esses tempos novos que exigem do educador, do pedagogo, muito mais do que isso". Ser pedagogo é ser cientista da educação, porque a educação está dentro de escolas, empresas, hospitais e em vários outros ambientes, porém infelizmente poucas pessoas conhecem esta ciência nestes ambientes.

Neste contexto segundo Franco (2008) a pedagogia nasce com uma vertente diferenciada nos mostrando que ela é tratada em um momento como arte e em outro como metodologia, bem como ciência da arte educativa e, além disso, na atualidade vemos que a mesma está focada na docência e não como uma ciência complexa que vai além da sala de aula. Percebemos que o contexto histórico restringe-se no que a pedagogia representa ou representou ao longo dos anos, limitando-a. Entretanto sabemos que se trata de algo complexo e importante para sociedade, pois o pedagogo em qualquer ambiente é uma base para que as futuras gerações aprendam o necessário para a vida.

Um teórico importante que aborda sobre o contexto histórico da pedagogia enquanto ciência é Libâneo (2011), ressaltando que "Pedagogia é, antes de tudo, um campo científico, não um curso. O curso que lhe corresponde é o que forma o investigador da educação e o profissional que realiza tarefas educativas seja ele docente ou não diretamente docente". A partir disso, concordamos com o autor no sentido de que a pedagogia é mais que um curso, é mais que ser docente, é ser pesquisador atuante e colaborador de mudanças sociais e políticas. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (2006),

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

- Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando: I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação; II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e **experiências educativas não escolares**; III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, **em contextos escolares e não escolares** (p.02).

Sendo assim, com esta citação notamos que o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia nos dá a amplas habilidades para trabalharmos como cientistas da educação, tanto coordenando como exercendo projetos educacionais em ambientes escolares e não escolares.

Desta maneira, observamos que ao longo do tempo, o pedagogo é visto como alguém que só é importante no ambiente escolar, mas com as mudanças impostas pelos novos tempos o mesmo passou a ser necessário em todo e qualquer ambiente que necessite do fazer pedagógico, ou seja, que necessite de planejamento, organização e execução de tarefas educativas. Libâneo (2011) discute isto quando diz que,

O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades [...], ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas educativas. Ora, se há uma diversidade de práticas educativas, há também uma diversidade de pedagogias: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical [...] a pedagogia dos movimentos etc... (p.67).

É por meio do "campo educativo" que a pedagogia se estabelece, e comumente confundimos este com a escola, mas em leituras acerca do assunto percebemos que a escola tem um "campo educativo", entretanto não é somente nela que se educa e se constrói alicerces para a sociedade, ao contrário percebemos que em qualquer espaço têm-se um campo propício à educação. Neste ponto, podemos adentrar no surgimento da pedagogia hospitalar enquanto ramo da ciência pedagogia.

O que nos levou a fazer este trabalho foi a disciplina Educação em Ambientes não Escolares e Ambientes Populares com a professora e orientadora Rosilene Gonçalves que nos propôs um trabalho voltado à pedagogia Hospitalar, com o objetivo de aprofundar e esclarecer o papel do pedagogo neste ambiente. Diante desta dúvida e equívoco que comumente acontece com a atuação do pedagogo surge a questão: Qual a função e contribuição deste profissional em um ambiente hospitalar? O que nos motivou a desenvolver esta pesquisa foi o fato de percebermos como seria o papel deste pedagogo e sua contribuição, trabalhando em conjunto com outros profissionais no ambiente hospitalar para proporcionar uma prática educativa dentro desse ambiente, que geralmente será o único contato que os pacientes terão durante o tempo de internação. A partir de então notamos a necessidade e a importância desse profissional inserido em um hospital.

Tratou-se de um estudo de caso, pois observamos a prática dos pedagogos no Hospital Santa Casa de Misericórdia, situado na cidade de Belém e caracteriza-se em um enfoque

qualitativo por contemplarmos “mais o processo do que simplesmente os resultados ou produtos.” (Teixeira, 2003)

Pode ser considerada como uma pesquisa de campo, pelo fato das perguntas serem direcionadas a uma pedagoga que atua na educação hospitalar e será efetivada através da observação da prática dos pedagogos neste ambiente.

Adotamos o enfoque fenomenológico hermenêutico por apontarmos em nosso trabalho “uma relação entre o fenômeno e a essência, ou seja, a relação entre o fenômeno vivido e aquele que vivencia a essência do fenômeno.” (Teixeira, 2003). Partindo destas discussões, esperamos que haja o esclarecimento do papel do pedagogo e da sua importância em um ambiente diferente do escolar.

## 1.2 Pedagogia Hospitalar: uma educação significativa

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, (2006),

Art. 5º O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a: IV - **trabalhar, em espaços escolares e não escolares**, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo (p.02).

Quando se especifica em ambientes não escolares, adentramos no ambiente hospitalar. O Pedagogo deve estar apto a respeitar os limites físicos, cognitivos e sensitivos das crianças e jovens hospitalizados, cada um tem suas especificidades, e esse profissional terá que está habilitado a entendê-las, buscando a melhor forma de desenvolvimento e melhora a elas. Sempre compreendendo o tempo de cada um, nesse lugar que é tão diferente do que estão acostumados.

O pedagogo deve estar preparado para trabalhar com a Educação em qualquer ambiente, e ao lermos o Art. 3 das Diretrizes da Educação Especial, (2001) isto fica mais evidente:

Art. 3º. Por Educação Especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure **recursos e serviços educacionais especiais**, organizados institucionalmente **para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns**, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

A Educação Hospitalar adentra a Educação Especial, pois de alguma forma ela substitui a Escola Regular no tempo em que a criança fica no Hospital. Algumas crianças que

não podem ir para a Classe Hospitalar, Brinquedoteca, ou ambiente disponibilizado pelo hospital para o trabalho pedagógico são atendidas no leito. Sendo assim, todas as crianças tem um apoio importante para o seu desenvolvimento educacional, cognitivo e emocional, não importando as limitações que tenham.

E ainda o mesmo artigo possibilita, em seu parágrafo único, a execução em meios técnicos e estruturais, das ações do pedagogo onde:

Parágrafo único: Os sistemas de ensino devem constituir e fazer funcionar um setor responsável pela educação especial, dotado de recursos humanos, materiais e financeiros que viabilizem e deem sustentação ao processo de construção da educação inclusiva.

O Hospital deve fornecer responsáveis, ambientes, e recursos financeiros para sustentar projetos de inovação e renovação para construir cada vez mais um ambiente de inclusão a todos.

A partir de 1995, a Lei Brasileira passou a conferir por meio da resolução 41 sobre os direitos das crianças e adolescentes hospitalizados (Conanda e Associação de Pediatria) onde consta que a criança passa a ter "direito a desfrutar de alguma forma de recreação [...] acompanhamento do curriculum escolar, durante sua permanência hospitalar". A partir deste marco na legislação entendemos de onde surge a necessidade de pedagogos no ambiente hospitalar, não somente no que mais tarde será denominado Classe Hospitalar, mas também em outros setores como a Brinquedoteca e departamentos para formação continuada de profissionais, neste caso, da saúde.

Após a contextualização da Lei ressaltada acima, Pereira (2008) salienta que,

A criança hospitalizada vive um momento especial, que altera seu desenvolvimento emocional, pois se distancia de sua família / amigos e cotidiano escolar, acarretando momento de solidão, medo e angústia. É nesse âmbito que o pedagogo assume papel de agente transformador, no qual terá a função de levar a essas crianças o conteúdo escolar e lúdico contribuindo assim em seu desenvolvimento em unidade hospitalar (p. 6).

A autora nos mostra o porquê faz-se necessário à presença de um pedagogo no Hospital e como se define o seu papel ou sua atuação neste ambiente. A criança, ou o adolescente tem a necessidade de um acompanhamento pedagógico, porque isso trás alegria juntamente com o aprendizado a elas, e de alguma maneira torna-se também uma terapia, pois com a Classe hospitalar e/ou Brinquedoteca não deixam os seus estudos parados, mesmo estando internadas elas possuem o direito de continuar os estudos brincando e exercitando com a ludicidade.

O pedagogo tem o papel de ajudar as crianças e adolescentes que estão dentro do hospital, pois sabemos que além do temor e medo que elas sentem deste ambiente, que pode dificultar sua aprendizagem, elas também podem acabar perdendo o ano letivo.

Desta forma segundo o Ministério da Educação, (2002) na Classe Hospitalar:

Os ambientes serão projetados com o propósito de favorecer o desenvolvimento e a construção do conhecimento para crianças, jovens e adultos, no âmbito da educação básica, respeitando suas capacidades e necessidades educacionais especiais individuais. Uma sala para desenvolvimento das atividades pedagógicas com mobiliário adequado e uma bancada com pia são exigências mínimas. Instalações sanitárias próprias, completas, suficientes e adaptadas são altamente recomendáveis e espaço ao ar livre adequado para atividades físicas e ludo-pedagógicas (p. 15).

Desta forma, a Classe Hospitalar é uma maneira de ensinar que visa à educação continuada das crianças e jovens em ambiente hospitalar. E existem regulamentos que devem ser seguidos para a preservação de todos, mas principalmente das crianças que estão imunologicamente fracas.

Quando se trata da Brinquedoteca, a mesma trás o lúdico as crianças, e funciona como uma terapia, ajudando de forma divertida em sua melhora, em seu bem estar psíquico. Elas têm prazer em brincar e, além disso, o brinquedo pode ajuda-la a externalizar os seus problemas psíquicos.

Segundo Fonseca (2003) "[...] é importante criar estratégias para que a criança se aproprie do que o brinquedo faz, e do que ela pode fazer com ele, ou seja, como se brinca com ele, retratando assim, seu uso funcional". Observamos que o brinquedo tem um significado no aprendizado, não um "brincar por brincar", visa-se que a criança crie habilidades com o brincar e ao mesmo tempo progrida no tratamento.

Não esquecendo que os brinquedos devem ter uma higiene, pois se não tiverem pode afetar a saúde da criança, Fonseca (2003) diz que "é preciso manter a limpeza dos materiais e evitar ao máximo o acúmulo de poeira e resíduos." As crianças precisam de todo cuidado possível, para brincar em segurança.

Para que tudo ocorra da melhor maneira para a criança, é preciso que os profissionais que estão direta e indiretamente ligados a ela tenham profissionalismo e estejam preparados pra lhe dar com elas, pois estas estão em um momento - como se não soubessem nem o seu nome - pois sua rotina foi completamente alterada, sua cama é chamada de Leito, e suas roupas não são as mesmas que usava em sua casa, e ao mesmo tempo estão distantes de amigos e familiares (Fonseca, 2003). Por isso os profissionais precisam ser receptivos, pois essa atitude ajudará a criança a sentir-se mais a vontade neste espaço.

O Pedagogo tem o papel de conhecer o quadro clínico das crianças, para buscar maneiras mais eficazes para sua educação e conseqüentemente sua saúde, Segundo Fonseca, (2003):

O professor da escola hospitalar é, antes de tudo, um mediador das interações da criança com o ambiente hospitalar. Por isso não lhe deve faltar noções sobre as técnicas e terapêuticas que fazem parte da rotina da enfermagem, sobre as doenças que acometem seus alunos e os problemas (até emocionais) delas decorrentes para as crianças e também para os familiares (...) (pg. 25).

Quando o professor conhece a enfermidade da criança e os responsáveis desta, acredita-se que fica mais acessível à entrada dele com relação aos sentimentos das crianças, e a abertura que ela pode dar, para gerar um melhor aprendizado.

O educador tem o dever do comprometimento, pois segundo Fonseca, (2003) "é imprescindível ao professor tentar manter os horários e a frequência de atendimento aos alunos". Porque as crianças aprendem a ter uma rotina nova, de almoço; lanche; sono; remédios; exames etc. E essa rotina tem que ser levada a risca, porque sua vida já está cheia de incertezas, como a de "quando vão sair do hospital", sendo assim, elas precisam achar que os professores são porto seguro. Salientando que a segurança da criança com o pedagogo deve ser conquistada com todo carinho, e buscando várias formas de chamar atenção desta, mas sempre respeitando seu tempo de adaptação.

Notamos que o pedagogo antes de tudo, deve se atualizar e saber sobre a área que pretende trabalhar, principalmente se esta for à área hospitalar, pois depois de todo este apanhado em Leis, Diretrizes, Projetos, explicações de teóricos etc..., podemos perceber que esta parte da pedagogia requer atenção no sentido de que, na escola você trabalhará com vidas, que mesmo que estejam passando por problemas emocionais, familiares ou contextuais, não estão com uma particularidade maior ou mais grave, que no caso do hospital é a doença, onde muitas vezes pode ser incurável.

Além do ressaltado acima, também precisamos definir nossa área de atuação nos processos do dia-a-dia, sempre buscando agir em conformidade com os outros profissionais, porque todos trabalham em conjunto por um bem único, ou seja, o da criança presente por algum motivo no ambiente hospitalar.

### **1.3 Refletindo a vivência de uma pedagoga na Fundação Casa de Misericórdia do Pará (FSCMPA).**

A fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará (FSCMPA) segundo dados obtidos em seu site, foi fundada em 24 de fevereiro de 1650, entretanto não se tem registros de quem foi o fundador. Diz-se que a princípio existiam uma igreja e um albergue localizados a priori em um local e com o passar dos anos mudou-se para onde está localizada atualmente na Rua Oliveira Belo, Bairro do Umarizal.

No início, a instituição era administrada pela Irmandade da Misericórdia Paraense com todos os benefícios cedidos também a Irmandade de da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, Portugal. Somente no dia 15 de Agosto de 1900, o Governador José Paes de Carvalho e seus intendentess, inauguraram já no atual endereço (Rua Oliveira Belo) o então Hospital da Caridade. Somente em Janeiro de 1990, a Instituição passar ao regimento de Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, contando atualmente com Museu/Arquivo da Santa Casa e com, recentemente inaugurado, Unidade Materno Infantil “Dr. Almir Gabriel”, pelo fato de a instituição estar cadastrada como referência em atenção à gestante de alto risco e ao recém-nascido, além de ser um hospital que atende 100% do Sistema Único de Saúde (SUS).

Atualmente, existem na Fundação Santa Casa três brinquedotecas, localizadas na parte centenária do prédio, e estas funcionam com o apoio de pedagogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, médicos de várias especialidades, ou seja, funciona com o trabalho de parceria de várias áreas do conhecimento, ajudando várias família e crianças hospitalizadas.

Ao iniciarmos a entrevista com a pedagoga da Santa Casa de Misericórdia ela destacou a contribuição do curso de pedagogia que possibilitou a mesma perceber que dentro do ambiente hospitalar, seu conhecimento tinha um papel diferenciado, pois a mesma sabia como ensinar as pessoas, diferente do outros profissionais do corpo hospitalar que não possuíam essa habilidade, no sentido em que cada um tem uma formação específica pra à sua área.

Algo importante à destacar na prática da pedagoga, é a importância de brincar como ato pedagógico e terapêutico:

“eu trabalho na área de brinquedoteca a ideia da ação dela é garantir o direito da criança de brincar, um direito fundamental que no hospital também precisa ser respeitado a partir daí agente trabalha com o lúdico”. (Pedagoga,2014)

A ludicidade serve em um primeiro momento para “quebrar o gelo” entre o pedagogo e a criança, pois ela é “sensível” ao brincar e com este ato externaliza suas emoções, sendo

assim fortalece a relação de confiança da pedagoga e dos outros profissionais com a criança hospitalizada.

Ao ser questionado sobre o trabalho em conjunto com os outros profissionais destacou não enfrentar muitas dificuldades, apesar de trabalhar com outros profissionais como: médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, nesse sentido ela frisou que o trabalho em parceria com o Terapeuta Ocupacional é confundido com o trabalho pedagógico, entretanto por mais que façam as mesmas atividades seus objetivos e seus olhares são diferenciados, a pedagoga vai além, apesar de saber das dificuldades do ato educacional em outros ambientes hospitalares, esta acredita que o profissional que encontra mais dificuldade é o Terapeuta Ocupacional, pois seu trabalho parece estar menos definido no ambiente hospitalar do que o seu.

Eu acho que o meu trabalho é como aquela história que o oceano é cheio de gotas e a minha gota é uma contribuição importante, por mais que seja uma gota, mas é muito importante, eu acho que cada profissional tem a sua (Pedagoga,2104).

Acreditamos que nesta fala a pedagoga evidencia que por meio do seu trabalho alivia a tensão das crianças, pois sabemos que o hospital como ressaltado antes, é um local diferente, e elas precisam se sentir protegidas, sendo assim os profissionais precisam conhecê-las. Além disso, a pedagoga acredita que o seu papel ajuda no seu crescimento profissional, pessoal e espiritual...

Quando indagada sobre o apoio dos familiares no trabalho dela, a pedagoga nos diz “sem o responsável seria impossível a atividade. A ideia é criar confiança, tanto da criança como do responsável. Sendo assim, percebemos que a pedagoga necessita deste apoio para que suas atividades sejam aceitas pela criança, pois a mãe muitas vezes participa das atividades, fazendo com que a criança também se interessa por esta.

Segundo Matos e Mugiatti (2009),

comparativamente, pode-se entender o hospital para a criança/adolescente como amplo cenário do qual participam os mais diversos autores dentre os quais os familiares ocupam lugar de destaque. A presença destes, de forma enfática, é, pois, uma das suas principais características hoje garantidas por lei (p.63).

Além de ser necessário a família estar ao lado da criança em todo o processo hospitalar, isto também é determinado por lei, desta forma, a criança tem o direito de sentir-se segura em todo procedimento, tanto com o seu lado físico como emocional e psicológico.

Acreditamos que a Pedagoga da Santa Casa busca dá o seu melhor para as crianças e adolescentes com quem trabalha, nos evidenciando na sua entrevista um pensamento parecido com os das autoras Matos e Mugiatti (2009),

O que mais importa é que a criança ou adolescente hospitalizado venha receber, sempre e com o máximo empenho, o atendimento a que fazem jus, nessa tão importante fase da vida, da qual depende a sua futura estrutura, enquanto pessoa e cidadão (p.65).

O hospital deve viabilizar total e completo apoio a criança e adolescente, porque além de ser direito deles, é necessário para sua saúde, educação e formação do caráter.

Portanto foi possível a partir da discussão da fala da pedagoga, perceber que este profissional tem se tornado cada vez mais importante para esta área de atuação, pois é nítida a necessidade de haver um profissional neste ambiente com esta formação e característica. Diferente dos demais que trabalham nesse lugar, o pedagogo lida diretamente com a criança, cria uma relação mais íntima com a mesma e assim é possível que haja uma troca de conhecimento e isso faz com que o trabalho do pedagogo seja visto como indispensável no ambiente hospitalar.

## **2 Considerações Finais**

Este trabalho nos proporcionou uma experiência muito rica a respeito da atuação do pedagogo em ambientes não escolares, pois assim como confirmamos através de nossas pesquisas a pedagogia desde seu surgimento centraliza suas forças e suas práticas apenas para a escola, porém ao adentrarmos no curso recebemos uma variedade de lugares em que há vagas e necessidade de um pedagogo.

Esta pesquisa nos permitiu também entender de que maneira um pedagogo pode vim a contribuir para a melhora e o sucesso do ambiente hospitalar em conjunto com outros profissionais, e também com as competências são específicas deste profissional.

Aparte do contato com essa vivência devemos assinalar duas melhoras necessárias, a respeito da formação do pedagogo pois muito se ouve falar a respeito dessas possíveis atuações em ambientes não escolares, mais pouco se sabe a respeito de que forma fazer, sendo assim existe a necessidade de mais informações e formação voltada para os ambientes não escolares, e no lócus de nossa pesquisa que é hospital o problema enfrentado é carência de um espaço físico mais adequado. Para que o pedagogo venha contribuir ainda mais no local onde estiver inserido.

## REFERÊNCIAS:

- BRASIL/ Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (1995). **Resolução n. 41**, Brasília: Diário Oficial da União.
- BRASIL- Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. MEC/SEESP, 2001
- \_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20/12: **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.
- \_\_\_\_\_.- Ministério da Educação. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília. MEC/SEESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. - Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP, nº 1, de 15 de maio. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura**. Brasília: Diário Oficial da União, 2006.
- FONSECA, Eneida Simões da. Atendimento escolar no ambiente hospitalar. Memmon. São Paulo, 2003.
- FUNDAÇÃO SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DO PARÁ. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.santacasa.pa.gov.br/sobre/historia/>> Acesso em: 10 de Maio de 2014.
- FRANCO, Maria Amélia. **Pedagogia como ciência da educação**. Cortez, 2ª Ed. São Paulo, 2008.
- GADOTTI, Moacir. **Revisão crítica do papel do pedagogo na atual sociedade brasileira**. In: Educação e Sociedade. Revista Quadrimestral de Ciências da Educação. UNICAMP/Cortez&Morais. Ano I, N°1. 1978.
- LIBANÊO, José Carlos. **Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia**. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas. 3ed. Cortez. São Paulo, 2011.
- MATOS, Elizete Lucia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 4. ed. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.
- PEREIRA, Andréia Alves. **Ambientes hospitalares: Qual o papel do pedagogo?**. Disponível em: <[http://www.usc.br/biblioteca/pdf/sie\\_2008\\_educ\\_arti\\_ambientes\\_hospitalares\\_qual\\_o\\_papel\\_do.pdf](http://www.usc.br/biblioteca/pdf/sie_2008_educ_arti_ambientes_hospitalares_qual_o_papel_do.pdf)> Acesso em: 30 de Abril de 2014.
- TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 6ed. Ed. Unama. Belém, 2003.